

RESENHAS

ALTERNATIVAS ESCASSAS. SAÚDE, SEXUALIDADE E REPRODUÇÃO NA AMÉRICA LATINA

A. de Oliveira Costa, Tina Amado (orgs.)

São Paulo: Prodir/FCC; Rio de Janeiro: Ed. 34, 1994

Esta coletânea contém elementos valiosos para uma reflexão da realidade contemporânea das relações sociais de sexo/gênero nos campos da saúde, da sexualidade e da reprodução no contexto latino-americano.

Frutos do PRODIR I (Programa de Treinamento em Pesquisas sobre Direitos Reprodutivos na América Latina e no Caribe) sediado na Fundação Carlos Chagas e financiado pela Fundação MacArthur, os artigos foram produzidos por especialistas de diversas áreas (Psicologia, História, Sociologia, Antropologia, Medicina, Serviço Social) e de diferentes países da América Latina (Venezuela, Argentina, México, Chile, Uruguai, Brasil).

As organizadoras da coletânea, intitulando-a "Alternativas Escassas", nos sugerem que em matéria de saúde, sexualidade e reprodução as mulheres latino-americanas ainda têm muito a desejar. De fato, os mais diversos temas e enfoques do livro giram em torno desse eixo.

A gravidez de adolescente nas camadas populares, problemática bastante discutida nos estudos populacionais recentes, é estudada em dois artigos. O primeiro deles, resultado de uma pesquisa realizada no Chile por Irma Palma Manríquez e Cecilia Quilodrán Le-Bert, aborda a gravidez na adolescência como uma situação-limite, cujas opções transitam entre o aborto, a maternidade (configurada nas situações de mãe solteira, casada ou consensual), ou a entrega em adoção. As respostas das adolescentes à gravidez aparecem marcadas por fortes pressões familiares e sociais que funcionam como reguladores morais, dificultando a vivência da nova situação

O segundo artigo, de Laura S. Caldiz, Laura Malosetti e Rubens Bayardo, mostra como a alta incidência da gravidez adolescente na cidade de Bariloche, Argentina, pode estar associada à desinformação do uso de anticoncepcionais fomentada pela política natalista daquele país. Entretanto, os autores evidenciam que a maternidade nesse grupo é percebida como uma estratégia inconsciente de mudança, levando tanto a criar uma nova situação familiar, como a compensar carências afetivas da infância. Nas duas pesquisas, a maternidade de adolescente aparece contextualizada em famílias nas quais as relações de sexo/gênero estão impregnadas pela dupla moral, pela desvalorização da figura feminina e pela violência.

As relações de gênero e raça aparecem concatenadas no artigo de Diva Moreira e Adalberto Batista, que analisa o crescimento dos casamentos inter-raciais no Brasil, sobretudo entre os homens negros. As relações de gênero marcam esses casamentos: os estereótipos negativos associados às mulheres negras (infieis, sedutoras) afastam os homens negros que, por sua vez, encaram a exogamia racial também como a possibilidade de uma melhor integração social. A associação de militância política com pesquisa é um dos elementos instigantes deste trabalho, trazendo à tona a tradicional vocação política das ciências sociais.

Numa perspectiva sociológica e intervencionista, o estudo de Barbara Cadenas Gordilho e Leticia Pons Bonals sobre parteiras, em quatro comunidades indígenas mexicanas, nos faz refletir sobre a importância das mulheres na medicina tradicional. Utilizando categorias conceituais de Bourdieu, as autoras analisam o trabalho das parteiras segundo a ótica do poder simbólico, o qual contribuiria para a reprodução social de cada comunidade, sustentando as relações de poder ali vigentes. O trabalho e o saber das parteiras é entendido como necessário em todas as comunidades, embora as crenças que envolvam o nascimento tendam a ser abandonadas nas comunidades onde a

dinâmica social resultou em mudanças de atitudes e práticas sociais.

Já no campo da Sociologia da Religião dois artigos analisam a relação da doutrina oficial da Igreja Católica sobre práticas reprodutivas e a vivência cotidiana de mulheres das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs). O artigo de Lúcia Ribeiro, produto de uma pesquisa em CEBs de Nova Iguaçu, assinala que entre as participantes dessas comunidades não existe restrição moral à utilização de qualquer método contraceptivo, evidenciando uma prática contraditória com os ditames oficiais da Igreja. Segundo a autora, tal fato decorre, paradoxalmente, da própria vivência das mulheres.

O outro artigo é resultado da pesquisa de Maria José Fontelas Rosado Nunes, na periferia de São Paulo, com mulheres líderes de CEBs. Articulando com muita perspicácia as políticas de estado, o discurso e a prática da Igreja Católica com o discurso e as práticas feministas, a autora nos mostra que a novidade no comportamento das mulheres pesquisadas não é a transgressão de suas práticas anticoncepcionais, mas o fato de elas justificarem essas práticas pela afirmação de seus direitos individuais (direito ao controle da fecundidade, ao prazer, à felicidade). Com isto a autora evidencia que os postulados do feminismo tiveram uma influência favorável para essas mulheres.

Já sob a ótica da Antropologia da Saúde a investigação de Estela Grassi, Liliana Raggio e Ana González Montes aborda a relação dos serviços de saúde reprodutiva de um Hospital privado de Buenos Aires com as famílias usuárias de camadas médias urbanas. Buscando dar conta da diversidade das práticas institucionais, as autoras analisaram esses serviços à luz de três paradigmas: o cientificista, o pragmático e o integracionista. Estes revelam, em graus distintos, a hegemonia do "saber médico", e a análise de cada um nos possibilita transitar na complexidade das relações de dominação do campo médico.

Também no mesmo campo, o artigo de Miriam Mitjavilla e Laura Echeveste examina as representações simbólicas presentes no discurso médico em torno da maternidade, especificamente do aleitamento, em consultórios médicos de Montevideu. Analisando as diferentes estratégias desse discurso, constatam que ele anula o caráter social da maternidade, atribuindo-lhe uma suposta essência biológica. Todos os discursos analisados indicam, segundo as diferentes estratégias, uma busca de aproximação dos estereótipos tradicionais da maternidade.

Ainda no campo da saúde, o artigo de Carmem Dora Guimarães constata a alta incidência de mulheres casadas ou em união estável infectadas pelo HIV ou vivendo com AIDS. Pesquisando com grupos de mulheres num subúrbio carioca, a autora assinala que o "exercício da fala" fortalece as mulheres para discutir sexualidade com seus parceiros. O uso do preservativo, como forma de prevenção de infecção pelo HIV, aparece ilustrativo das desigualdades entre os gêneros, já que, nas palavras da autora, "não é a mulher que veste a camisinha, mas o homem".

Fundamentando-se no interacionismo simbólico através do mergulho no empírico, Maria Auxiliadora Banchs analisa a dinâmica interna de uma família incestuosa na Venezuela. No seu estudo, a autora observou como as relações de gênero/poder no interior da família criaram condições para a efetivação do incesto, para sua ocultação, para a acusação das vítimas e a vitimização do agressor. Segundo a autora a abordagem e tratamento desses casos não deve se concentrar unicamente na díade abusador-abusada, mas no conjunto dos membros da família. A visibilidade dessa face-tabu da violência sexual nos dá a dimensão concreta de suas graves conseqüências psicossociais.

Ao final da leitura fica um pequeno senão. Refere-se à utilização do conceito de gênero que, em alguns momentos, confunde-se ou mescla-se com o conceito funcionalista de papel, aparecendo não como

categoria conceitual mas como sinônimo de sexo feminino. Vale dizer que isto não chega a prejudicar o resultado do conjunto, onde a diversidade teórica e empírica das pesquisas busca articular os diferentes níveis de desigualdades sociais. Assim, esboça-se um cenário de contradições, ora marcado por relações de poder e dominação masculina, ora promissor apontando para a conquista plena da cidadania.

Lucila Scavone

RETRATOS DE FAMÍLIA

Miriam Moreira Leite

São Paulo: EDUSP, 1993

O livro de Miriam Moreira Leite, reunindo ensaios elaborados ao longo de dez anos, traça possíveis caminhos para que a fotografia fale o que sabe em contribuição para o conhecimento histórico. Esse saber, em suas várias dimensões — instintiva, descritiva e simbólica —, vai sendo competentemente deslindado.

A autora desenha com sensibilidade um método de leitura crítica, demonstrando que é necessário um paciente trabalho decodificador e desfazendo a ilusão de que a comunicação da imagem é imediata. O intérprete deve encontrar a chave que estabeleça a relação entre o visível e o invisível, entre o aspecto formal e a estrutura profunda. Ensina-nos a detectar na fotografia marcas e pistas, que, articuladas, vão reconstituindo um mundo que já não é. Os fatores que importam são: a noção de espaço e contexto, a natureza de *corpus* e a elaboração de seqüências. Quatro são as trilhas a serem percorridas: "do observador à imagem, da imagem ao observador, de uma imagem para a outra, dos retratados para o observador".

O leitor de imagens vai mergulhando nesses instantes poéticos captados pela câmera. Decodificar o

que mostram: o espaço, o enquadramento, os gestos as expressões, os tipos físicos, o cenário, o guarda roupa, a iluminação. Buscar inter-relações entre os diversos elementos da foto para que revelem a multiplicidade de aspectos de um mesmo evento. Aprender a ver as relações entre o movimento e a estrutura espaço-temporais; deixar-se interpelar pela imagem, acolhendo as questões que lhe são dirigidas, todas essas etapas abordam a fotografia como um processo, não como um produto. Trágicas, cômicas ou líricas, as histórias dos bastidores das fotografias devem ser alvo da escuta atenta do intérprete. Linguajar mesclado e incerto dos imigrantes, vozes e timbres, sotaques e fraseados pitorescos — uma intensa movimentação no espaço e no tempo se oculta atrás da imobilidade dos momentos recolhidos nos retratos.

Tradicionais, dominantes ou médias, as famílias que imigram para São Paulo de 1890 e 1930, posando para as gerações futuras, constituem a coleção principal a ser analisada. O retrato de casamento é o mais recorrente em todas as coleções, já que é um dos principais ritos de passagem em quase todas as sociedades. Aparece em duas formas principais: o retrato que inclui as duas famílias, com o casal na primeira fila, de pé ou sentado; ou a imagem dos noivos de pé, de frente para a objetiva. Uma interessante variação da figura da noiva é quando ela está de negro, costume da cultura camponesa da Europa, simbolizando a fertilidade. Nesse contexto cultural, a alva neve é associada à morte das plantações.

O devaneio pictórico de Darcy Penteado nos joga num outro universo, na irrealidade do espetáculo do casamento. Trata-se do quadro "A noiva do Bosque", de 1980, inspirado em álbuns de família. Vê-se a noiva sozinha, perdida num fundo florestal azul e verde, num solo que parece líquido e pouco firme. Transmite uma inquietante estranheza.

As fotos de família, documentando os vários ritos de passagem, de criança para adulto, de solteiro para casado, de vivo para morto, podem ter dupla função: